

Falta droga para transplantes

Diretor do HBB afirma que hospital não tinha o medicamento que secretário de Saúde garante ter

Mais de 350 pacientes renais crônicos à espera de transplante em Brasília perderam a oportunidade de cura que surgiu com a morte do garoto Fábio Loss, 14 anos, sexta-feira. As razões, até agora, são controversas. A justificativa do diretor do Hospital de Base, Lairson Rabelo, sobre a transferência dos órgãos para São Paulo foi a falta de um medicamento especial na cidade, mas o secretário de Saúde, Paulo Kalume, rebate, garantindo que o remédio existe na rede. "Se não tinha no HBDF era só mandar buscar em outro hospital", afirma. Sem a droga, chamada Soromedrol, não há transplante. É ela que reduz as probabilidades de rejeição.

Enquanto as versões se contradizem, a Associação dos Renais de Brasília (Arebra) revela o que se passa nos bastidores e a dificuldade que hoje representa uma doação. O que para Lairson Rabelo é rotina, ou seja, o intercâmbio de órgãos entre Brasília e São Paulo, para a presidente da entidade, Ana Maria de Araújo, é inconcebível. "Temos pacientes aqui esperando também", comenta. Para comprovar que a situação não é ruim, o diretor do HBDF diz que o mês de maio foi recorde em 12 anos de transplantes, com 11 cirurgias realizadas. Este ano, 23 pessoas foram operadas.

O secretário de Saúde, no entanto, não pretende abrir mão de uma sindicância para apurar os fatos que impediram a cirurgia semana passada. Ontem, ele enviou ao HBDF documento determinando o início das investigações. O resultado sai em 15 dias. Na reunião do final da tarde com o diretor do HBDF, Kalume foi taxativo ao cobrar explicações dos médicos do Centro de Transplantes de Rim, "pagos para ficar lá 24 horas", disse. Se realmente houve confusão nas informações prestadas, o secretário pretende identificar de onde partiram.

Só que além da falta do remédio e de médicos, outros fatores têm contribuído para o fracasso, não só deste, como de outros transplantes, que teriam deixado de acontecer. A denúncia é do vice-presidente da Arebra, Isaias Vale da Silva, que acusa o hemocentro de fechar nos finais de semana, impedindo a realização de exames fundamentais às doações. "Quanta gente já morreu de acidente sábado e domingo e não tivemos como aproveitar os órgãos por causa do hemocentro?", diz indignado. Isaias, que hoje tem um rim saudável, esperou oito anos pela oportunidade da cirurgia.

O chefe do Centro de Transplantes de Rim, o urologista Luiz Ronaldo, não foi localizado ontem para falar sobre o caso, mas, segundo a presidente da Arebra, o problema do Soromedrol, o remédio mais importante para o transplante, é verdade. Ela lembra que há duas semanas soube, através do departamento de compras da Fundação Hospitalar, que o estoque da droga era de apenas sete ampolas. Cada paciente tem que tomar duas, para diminuir as possibilidades de rejeição do órgão. Após a cirurgia também são necessárias as doses do remédio.

TRISTEZA EM BRASÍLIA, ALEGRIA EM SÃO PAULO

ZULEIKA DE SOUZA



A presidente da Associação de Renais, Ana Maria (esquerda), divide com os demais doentes o drama da espera pelo transplante

"A doença acabou comigo. Há três anos estou na fila para transplante. Toda semana faço 12 horas de hemodiálise. Os remédios que tomo peço no hospital. Não tenho dinheiro".

Ana Passos, 40 anos, doméstica, está na fila à espera de um rim

Kátia Marsicano

Dois pacientes renais de São Paulo receberam na última sexta-feira os órgãos doados pela família de Fábio Loss. Uma família de Brasília, que tentou, em vão, diminuir a lista de mais de 300 pessoas, na capital, que sofrem o mesmo problema. São doentes sem cura, condenados a passar o resto da vida em sessões de hemodiálise, como Ana Passos, 40 anos, três anos de espera por um rim. De aparência frágil, ela traz nos braços magros as consequências do tratamento, que com o tempo deixa nódulos e cicatrizes pelo corpo.

Todas as semanas, o compromisso é sempre o mesmo. Quatro horas por dia, às segundas, quartas e sextas, submete-se à terapia. Sai do Guará, onde mora, e vai para o Hospital Santa Marta, em Taguatinga Sul. Pacientemente, afinal "não tem outro jeito". Humilde, ela conta que até hoje só não faltou remédio em sua casa porque o hospital fornece os quatro tipos de com-

primido que toma.

Das histórias que se ouve na Associação de Renais de Brasília (Arebra), os dramas são bem semelhantes. Até a paciência e resignação se parecem. Wanderley Silva de Souza, 31 anos, conta que há dois anos e meio está na fila da doação. Toma cerca de 20 comprimidos por dia e, para não perder o tratamento, pede a medicação no Serviço Social do Hospital Universitário, onde faz diálise três vezes por semana. Ele mora em Planaltina e também foi obrigado a parar de trabalhar por causa da doença.

Mais esclarecida, a própria presidente da Arebra, Ana Maria de Araújo, testemunha e compartilha o sofrimento dos renais de Brasília. Nos últimos seis anos tem lutado pela qualidade de vida e direito à tratamento e cirurgia dos doentes. Só que nem ela sabe quando será operada. Submetida a uma quantidade excessiva de transfusões de sangue, sem a medicação necessária, sofre de sensibilização, que talvez a impeça de futuramente ser uma receptora.

"Minha sobrinha estava lendo a Bíblia, quando o telefone tocou. Era do Hospital das Clínicas. Pensei que ela fosse ter uma coisa, porque só sabia repetir: 'não acredito'".

Dona Sofia, tia de Lucidélma, uma das receptoras do rim de Fábio Loss

Marilda Varejão

Da Sucursal

São Paulo — Eram 10h25 da noite de sábado quando o telefone tocou. Chamava Lucidélma Lopes de Azevedo, 22 anos, uma baianinha que há sete anos precisou deixar o interior da Bahia e a fazenda em que vivia, em Brumado, para buscar em São Paulo um tratamento para seu rim: "Minha sobrinha estava sentada na sala, lendo a Bíblia, como fazia todos os dias. Quando atendi e disse que era para ela, que era o médico do Hospital das Clínicas, pensei que a menina ia ter uma coisa. Ela ficou parada, só conseguindo falar 'eu não acredito, eu não acredito'", conta emocionada D. Sofia Maria de Azevedo, tia de Lucidélma proprietária da casa onde vivem, na periferia de São Paulo.

Nesta segunda-feira, D. Sofia ainda sabia pouco sobre o resultado da cirurgia realizada às 17h10 de domingo, que pode dar a Lucidélma vida nova: "Quem corria atrás dela era sempre a minha nora, Maria

Aparecida, que a levava para as hemodíalises. Nós estamos todos ainda muito emocionados e felizes, loucos para contar a meu irmão sobre a operação. Até agora a gente não pôde visitar Lucidélma, e, pelo telefone, eles não informaram muito. Mas estamos aqui pedindo a Deus, felizes, esperando que tudo dê certo. Lucidélma tinha uma vida parada, era uma menina pensativa na doença, nem um namorado ela tinha".

No caso de José Patrício Manuel Gardena a doença renal não o impediu, até há dois anos, de levar uma vida normal. Engenheiro, chileno naturalizado brasileiro, trabalha na Comissão Nacional de Energia Nuclear, é casado com a pedagoga Ivani e pai de André Esteban. "Era um calvário! Nesta quarta passada, por exemplo, meu marido quase morreu; entrou ar na máquina que ele fazia a diálise e, se não fosse um grito seu, para que o enfermeiro desligasse a máquina, tinha morrido", relata Ivani.

Tanto José Patrício quanto Lucidélma passam bem.